

INTERDISCIPLINAR

EDGAR ALLAN POE E A VIAGEM EM BUSCA DE UMA VISÃO UNIFICADA DO UNIVERSO

Nair Leme Fobé

Instituto de Letras — PUCCAMP

Quando olhamos à nossa volta e vemos a realidade fragmentada, perguntamos se é a nossa apreensão do real que se apresenta sob a forma de um mosaico ou se é o real que assim o é. Sentimos, no íntimo do ser, a necessidade do todo e só o apreendemos aos pedaços os quais, às vezes, nossa memória ajuda a recompor como um enorme quebra-cabeças ou vamos buscá-lo nos sonhos os quais podem tornar-se momentos epifânicos da unidade perdida.

No mundo moderno, quando as solicitações do ritual cotidiano nos fazem distanciar cada vez mais de nós mesmos, já que a tendência é a integração dolorida do EU nas várias mini-estruturas que compõem o sistema criado pelos homens, parece que, tal qual borboleta perdida, o homem se sente atraído pela luz do inexplicável que pudesse explicá-lo. A busca do centro, daquilo que dá equilíbrio, é e sempre foi a viagem que une todos os indivíduos. É a busca de Edgar Allan Poe vivida em sua obra.

Poe descreve seus poemas como meras trivialidades, quando da publicação, em 1845, do **The Raven And Other Poems**, reservando para sua crítica e contos uma proposta mais séria. Alguns de seus poemas seriam concebidos como interlúdios para suas histórias e seu conteúdo se explicita no contexto da narrativa. **Hymn**, por exemplo, foi escrito como parte integrante de **Morella** e pode ser mal-entendido se for lido fora desse contexto.

O poema **The Haunted Palace**, que aparece em **The Fall Of The House Of Usher**, foi publicado separadamente alguns meses antes de sua incorporação no conto e se apresenta como excelente exemplo do perfeito relacionamento poesia — prosa que marca o período mais significativo da obra de Poe. O poema, no entanto, não é uma epítome do conto, mas antes um tratamento decorativo e um tanto esvaziado do material desenvolvido com discernimento sombrio, porém perspicaz na narrativa.

Toda a vida curta e angustiada de Poe foi dedicada à busca de uma unidade para além da fragmentação vivenciada e que também antecede o real vivido, a busca da beleza etérea ou supra-real. Essa busca é o princípio poético para Poe e o poeta pode apenas apontar frações dessa beleza; o processo de aspiração da alma é o esforço do homem de se liberar da terra e caminhar em sua direção.

Isto nos leva a dois mitos complementares que permeiam toda a obra de Poe como nos lembra Richard Wilbur, em seu artigo *Introduction to Poe* *, é o mito cósmico e o mito da vida do poeta.

O mito cósmico de Poe parte de sua afirmação que Deus é uma matéria não atômica ou espiritual, que quis ser e que existe no centro do espaço, num estado de completa totalidade e unidade. Daí, através de alguma intensidade interna, esta partícula se expande no espaço na forma de esferas concêntricas. O universo está então formado e a unidade original torna-se diversidade, o uno fica múltiplo, o indivisível, dividido e chega o universo a um ponto de difusão máxima. No momento, de acordo com Poe, Deus existe apenas como matéria difusa e espírito no universo: o que decorre é que cada alma é, em parte, seu próprio Deus e nada existe maior que a alma individual.

A partir do ponto de difusão máxima, o universo, por necessidade interna, começa a se mover uma vez mais, agora em busca de seu centro, começa a se contrair em direção à unidade original. Como a fonte de todo movimento é o pensamento, o universo deve ser reunido através de uma compreensão cada vez maior do pensamento das almas individuais. Seu encontro implica a recuperação da unidade e, desta forma, na reconstrução de Deus, onde cada alma deve logicamente absorver todas as almas e onde cada alma se tornará Deus e Deus será todas as almas.

Qual o lugar do poeta nesse movimento de fragmentação e reunião universais? De acordo com o mito de Poe, a terra não apenas está afastada do seu centro gerador, mas ela caiu pelo mal que há no homem. Assim como o processo de queda é violento, o processo de purificação deve ser também violento. O pecado da terra tem sido a "intemperança do conhecimento", o mesmo pecado que levou Lúcifer aos infernos e Adão para fora do paraíso. O orgulho intelectual tem levado à vã procura de um conhecimento causativo; a raça humana tem-se "infectado de sistema e de abstração", louca vaidade do homem de poder dominar o universo que o cerca e o surpreende. Através da ciência prática, a terra tem-se "deformado como se atacada por uma doença nojenta". Os corolários que decorrem são: "a perversão do gosto" e "a repressão da imaginação".

O poeta, cuja sensibilidade lhe permite vislumbrar a beleza e a unidade original, habita este planeta enfermo e se vê como um profeta sem honra, tal qual o personagem Prufrock, do poema de T. S. Eliot. Sua visão interior lhe permite sentir a harmonia original na fragmentação que o cerca e, através do pensamento imaginativo, pode reconstruir Deus. Para isso volta-se ao início paradisíaco da terra ou sonha com um planeta mais feliz ou constrói um mundo seu, utilizando-se de uma intuição poética que é mais exaltada que a inteligência científica. O universo é uma obra de arte e

(*) (em *Criticism — some major American writers, selected by Lewis Leary; Holt, Rinehart and Winston, Inc., New York, 1971.*)

os homens devem apreendê-lo esteticamente e não racionalmente. É aqui que o poeta encontra sua função — ajudar os homens a fazerem a viagem — de volta para casa, ou “nostos”.

O poeta, ao negar o humano e o terreno, tem uma postura positiva, sua destruição se torna criativa e sua negação do intelecto um meio de atingir a verdade.

O segundo mito que permeia a obra de Poe é o mito da vida do poeta. Quando criança, o poeta se encontra perto da unidade original e, portanto, distante das coisas do mundo, ainda não pertence à terra corrompida. Ao crescer, sua alma é solicitada a partilhar do cotidiano e começa a perder a capacidade para um estado de ser puramente psíquico. Ao se tornar adulto, sua alma começa a oscilar entre as banalidades complexas e o desejo intuitivo de voltar à verdade universal. Como está distante de seu paraíso perdido, passa a imaginá-lo. Como não pode lembrar-se de como era, passa a recuperá-lo na forma de sonhos.

Às vezes, esses sonhos se tornam pesadelos ou sua consciência o obriga a voltar para as obrigações cotidianas. O poeta não está divorciado do seu contexto, que o solicita e aliena cada vez mais da contemplação da visão pura. Como o contexto que o envolve, sua maturação vai-se fragmentando e se corrompendo pela ciência e toda tentativa de volta à primitiva harmonia se apresenta sob a forma de luta. Às vezes, porém, há momentos de trégua, as paixões se acalmam, as solicitações se aquietam, a consciência dormita, e o EU do poeta pode voltar, em sonhos ao passado, à unidade psíquica, à comunhão imaginativa com a harmonia universal. Descobre a simplificação e o que traz dessa viagem da alma visionária para além dos portais da morte, para o mundo dos sonhos verdadeiros; é o seu material artístico.

Em *The Fall Of The House Of Usher*, o visitante é levado a um estado hipnagógico, aquele estado em que a mente consciente se torna consciente do subconsciente e pode olhar para dentro do sonho o qual brevemente a engolirá.

Usher é o sonhador do conto, a personificação e a fixação de um momento de conscientização daquele estado que se atinge por “passagens escuras e intrincadas”, como os corredores de sua casa. Usher passa rapidamente da lucidez para a irracionalidade, naquele estado hipnagógico que separa o mundo do acordar do mundo dos sonhos, do consciente e do inconsciente, da vida e da morte.

O sonho total está sempre iminente, a própria atmosfera que cerca as personagens, o local e o tempo enfatizam a barreira frágil que separa o real do ideal. A decadência física da irmã de Usher, Lady Madeline, cujo nome já suscita sua moléstia, ou seja, um gradual desgaste da

pessoa, e o relacionamento íntimo entre a casa e o lago simbolizam a iminência do sonho total, da fusão final, da reunião do ser com seu psíquico. Lady Madeline é a beleza física, terrena, imolada ao Psyche e sua identidade se destrói, quando da chegada do visitante. A integração tem que esperar porque a principal parte do conto consiste naquele tempo suspenso, durante o qual a mente consciente tropeça na beirada dos sonhos, entre a loucura e a sanidade, entre o ser dividido e o ser unificado.

Paralelamente à destruição de Lady Madeline, a casa se apresenta enferma e sua cicatriz simboliza o intelecto tropeçante de Roderick Usher que vai mergulhar no lago que reflete a casa. A casa acaba unindo-se ao lago e ambos representam a mente atraída para os sonhos do passado e para aquele estado de sonolência que precede o dormir. No fim do conto, casa e lago são um, assim como Usher e Madeline, o que é refletido fica visão única, o que é dividido se une.

Assim como o sono é a imagem da morte e como os sonhos nos levam de volta ao velho tempo insepulto de nosso próprio mundo visionário, as viagens de Poe se movem da luz, do ar e do som do mundo vivido, quer para a ausência total desses elementos, quer para um mundo de complementos oníricos.

Quando, após a expectativa de várias páginas, o leitor é levado, como o próprio Usher, a viver o tempo suspenso, Lady Madeline deixa seu caixão e, numa viagem simbólica, sobe ao quarto de seu irmão, ela não é mais Lady Madeline mas Psyche em busca de sua identidade. Roderich, ao se tornar "louco", ao transpor a linha da loucura (Madeline), cristaliza a transformação e sua reunião com seu Psyche (o fato de os irmãos serem gêmeos não é acidental) representa duas coisas:

- 1) é o fim de uma viagem de sonho de uma noite; é o passaporte para o mundo da beleza etérea, que é a aspiração de toda alma;
- 2) é também uma pré-visão da reconstituição da alma na morte, última porta para a integração na harmonia original.

A animação da casa, seu colapso no lago, é outro modo de dizer a mesma coisa. É o elemento simbólico que completa a estória como uma viagem, a viagem de volta que leva à reunião perdida.